

A destruição do Iraque

Ives Gandra da Silva Martins

A invasão do Iraque por tropas americanas e inglesas e o colapso do exército iraquiano – que não só não possuía armas de destruição em massa, como seu equipamento bélico era arcaico e medíocre – trouxeram alguns temas de reflexão à comunidade jurídica internacional e aos governos de todo o mundo.

O primeiro deles é o de que a ONU estava certa em não querer a invasão, pois seus agentes nada encontraram de significativo, como nada poderiam encontrar, porque não existia.

O pretexto para a invasão – reduzindo a ONU ao mesmo valor de casa de tertúlias acadêmicas, como ao tempo da Sociedade das Nações, depois da 1ª guerra –, de rigor, não era verdadeiro. Mesmo que se venham a encontrar, plantados ou não por americanos e ingleses, indícios das armas de destruição em massa, à evidência, não tinha o Iraque quaisquer meios para deflagrá-las, visto que seus soldados enfrentaram com “espingardas” a mais poderosa máquina de guerra existente no Planeta, na atualidade.

das grandes potências.

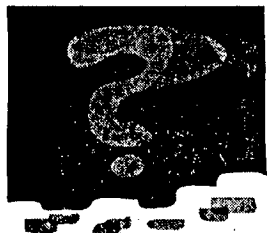
A tragédia do World Trade Center aconteceu não por competência dos suicidas terroristas, mas por incompetência dos serviços da CIA, excessivamente burocratizada a partir da eliminação de seu inimigo número 1, que era a União Soviética. Hoje, recuperou a CIA eficiência idêntica àquela de antes da queda do Muro de Berlim e os americanos estão mais protegidos contra atos de terrorismo de tal magnitude.

O quarto tema para reflexão diz respeito ao futuro do Iraque. Como passará a ser um protetorado dos Estados Unidos, assegurará, o seu presidente, para a nação americana, as segundas maiores reservas de petróleo do mundo e a maior disponibilidade de água da região. A própria reconstrução do país por empresas americanas, a ser paga com o dinheiro iraquiano, transformar-se-á em exuberante negócio para empresários das relações presidenciais. Os outros países e suas empresas terão de se contentar com as migalhas que “o senhor da guerra” oferecer.

E o quinto e último tema que merece reflexão diz respeito às fotos da tomada de Bagdá, em que uma centena dos quase cinco milhões de habitantes da capital aplaudiram os conquistadores. Nada semelhante aos aplausos que os americanos tiveram de milhões de franceses quando salvaram Paris do jugo alemão. Nenhuma fotografia de perspectiva ampla, com as multidões nas ruas, mas apenas aquelas dezenas de cidadãos, que a própria tevê inglesa admitiu estarem pilhando o que restava da capital iraquiana. Pelas limitadas fotografias, sem perspectiva de conjunto, não me parece que os americanos foram homenageados pelos cinco milhões de residentes em Bagdá por derrubarem o regime de Saddam Hussein, que a história declarará como um genocida, ou, mais ainda, que 23 milhões de iraquianos lhes tinham dado apoio para destruírem o país. A fotografia da derrubada de estátua de Saddam Hussein não é histórica nem consegue esconder a dor dos sobreviventes daquela cidade de lendas e de fantasia, que povoou por séculos a imaginação e os sonhos de todas as crianças de todas as partes do mundo. Histórico, infelizmente, é o saque de 170 mil peças do Museu do Iraque, perda para a Humanidade quase igual ao incêndio da Biblioteca de Alexandria pelo primeiro imperador romano.

Agatha Christie, nos seus romances policiais, menciona as “pequenas células cinzentas” do cérebro de que Hercule Poirot se utilizava para desvendar os crimes que lhe propunham resolver. Creio que nós todos, cidadãos do mundo, poderíamos ativar nossas “células cinzentas” para tirar conclusões sobre o futuro da Humanidade, desta triste temática que trago à reflexão dos leitores do **Jornal da Tarde** neste artigo.

Ives Gandra da Silva Martins é professor emérito da Universidade Mackenzie



O globo tem um dono e seus tentáculos podem alcançar qualquer nação da Terra

O segundo tema a ser refletido é o de que os americanos têm armas de destruição em massa e, de acordo com os humores de seu presidente, poderão utilizá-las para massacrar qualquer país em que tenham interesse econômico de controlar ou antipatias contra seus dirigentes ou povo. O alerta que Bush – e seu acólito Tony Blair – deu ao mundo de que Coreia do Norte, Irã e Síria são seus próximos objetivos é suficiente para mostrar que o globo tem um dono e – à maneira do Império Romano, após a queda da República – seus tentáculos podem alcançar qualquer nação da Terra.

O terceiro tema a refletir é acerca do paradeiro de Bin Laden e Saddam Hussein. Há duas hipóteses: ou estão vivos e o caríssimo serviço de inteligência dos Estados Unidos é uma droga, pois, no caso de Bin Laden, se trata de um homem de dois metros de altura, que não deve ser tão difícil de identificar, no mundo árabe, de estatura mediana; ou os dois estão mortos e os americanos sabem disso, mas não interessa declará-los mortos, porque, se o fizerem, poderão torná-los mártires e, mais do que isso, não teriam como justificar a manutenção de dispendiosa máquina de guerra para combater um “superdimensionado” terrorismo, de rigor, hoje, absolutamente sob controle